

*Construção do jovem “sem terra”: identidade e participação em um assentamento de reforma agrária*¹

Maíra Martins²

Resumo

Muitos trabalhos têm abordado os jovens em contexto de reforma agrária como cruciais para reprodução social e para a continuidade dos assentamentos rurais, mas ainda como cruciais para continuidade da luta, ou seja, para a reprodução dos movimentos sociais do campo. Assim, o envolvimento dos mesmos nas esferas organizativas dos acampamentos e assentamentos rurais, bem como o engajamento na militância de movimentos sociais, como o MST, são questões presentes nos estudos sobre o lugar e o papel da juventude, baseadas muitas vezes na expectativa de que o processo de reforma agrária cria e desenvolve identidades políticas e formas de engajamento. Nesse sentido, este trabalho pretende discutir o tipo e o significado da participação política dos jovens em um assentamento de reforma agrária e analisar essas identidades políticas em jogo, sobretudo a identidade “sem terra”, reveladora da relação dos jovens com o movimento social e com o próprio assentamento rural. A reflexão baseia-se na interlocução do estudo de caso, realizado em um assentamento em processo de instalação, na região norte fluminense do estado do Rio de Janeiro, com outras pesquisas que abordam a juventude em contexto de reforma agrária.

Palavras chave: jovens, participação política, assentamento de reforma agrária

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. GT.10: Antropologia, engajamento militante e participação política.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Introdução

O objetivo deste artigo é abordar a dimensão da participação política dos jovens de um assentamento rural de reforma agrária, na região norte fluminense (RJ). Pretendo identificar as diferentes formas de participação desses jovens e, por meio da análise da categoria política *sem terra*, perceber os múltiplos pertencimentos e esferas nas quais as relações de poder, participação política e sociabilidade se entrelaçam. Este trabalho faz parte das reflexões e análises que vem sendo desenvolvidas na elaboração da dissertação de mestrado, cuja temática trata da relação entre juventude e reforma agrária, a partir do assentamento rural Paz na Terra.

Os estudos sobre a juventude em contextos de reforma agrária têm se debruçado sobre duas questões principais. A primeira refere-se a uma problemática antiga do campo dos estudos sobre a juventude rural, que consiste no expressivo êxodo rural dos jovens, questão que também vem sendo percebida nos assentamentos rurais, sobretudo frente aos limites do modelo no que tange à reprodução familiar e das futuras gerações.³ A outra questão, diz respeito à dimensão política inerente ao processo de reforma agrária, ou seja, como se dá a participação política da juventude na formação dos assentamentos rurais e seu envolvimento nas instâncias e organização dos mesmos. Processos que compreendem desde ocupações de terra, acampamentos, mobilizações e atos públicos, bem como assumir cargos em associações ou coordenações dos assentamentos e até o engajamento como militante de movimentos sociais, como o MST. Nesse sentido, se a juventude “sem terra” é tida como crucial para a reprodução social dos assentamentos rurais, também o é para a reprodução política desses espaços e dos movimentos sociais rurais.

Contudo, ao abordar o cotidiano dos jovens em acampamentos e assentamentos rurais, pesquisadores têm identificado uma série de “ausências”. Ausências no que tange às alternativas de geração de renda e inserção profissional, ausência de políticas públicas específicas, espaços de lazer e, ainda, a ausência política dos jovens, ou seja, a não participação da juventude nas instâncias decisórias dos assentamentos rurais (Braga, 2006). Entretanto, a constatação da ausência de participação dos jovens esta relacionada, em grande medida, a uma expectativa de que o processo de reforma agrária promova um *saber social*

³ Por ser um projeto governamental o assentamento rural de reforma agrária esta subordinado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o que implica em restrições a sua utilização do lote até o momento de sua emancipação, processo que leva muitos anos. Durante esse período os assentados têm a concessão de uso sobre o lote, não podem vendê-lo, nem arrendá-lo para outrem. Em termos de reprodução geracional isso implica em especificidades inerentes aos projetos de assentamentos como a impossibilidade de duas ou mais gerações permanecerem nos lotes e trabalhando com agricultura. Contudo, muito pouco foi estudado em termos dessa passagem do lote dos pais para o dos filhos em assentamentos rurais, bem como sobre o processo de emancipação dos assentamentos rurais.

diferenciado, a partir de práticas políticas vivenciadas na luta pela terra (Andrade, 1998), que envolvem também processos de *re-socialização*, onde se desenvolve uma nova sociabilidade e identidades políticas (Paiva, 2006). Espera-se então, que a juventude, por participar de todo esse processo de reforma agrária, desenvolva formas de organização e participação, bem como identidades políticas. Contudo, ao defrontar-se com os diversos limites da inserção dos jovens nos assentamentos rurais e perceberem a discrepância entre as ações e discursos dos movimentos sociais e a vivência cotidiana dos assentados, alguns autores chamam atenção para diferentes lógicas e relações de poder que também estão em jogo (Castro, 2005). Assim, além de questionar *porque os jovens não participam*, o esforço aqui empreendido busca também o caminho inverso: Por que eles participam? O que contribui para que alguns jovens se envolvam e outros não? Qual o sentido da participação política para os jovens?

Juventude⁴, participação e poder

O assentamento *Paz na Terra*, criado em 2005, situado na antiga Fazenda Vermelha, município de Cardoso Moreira, partiu de um *acampamento* organizado pelo MST, em abril de 2003, em um terreno público, atrás do Hospital Geral de Guarus, distrito na cidade de Campos dos Goytacazes. Após essa ocupação em uma área pública, o acampamento passou por um longo período de “luta pela terra”, dentre *despejos* e *ocupações* por diferentes fazendas da região norte-fluminense e, atualmente, o assentamento está em fase de instalação, ainda não foi realizado o parcelamento dos lotes ⁵. O processo de formação do assentamento Paz na Terra pode ser entendido como parte de um amplo processo de intensificação das ações do MST no estado do Rio de Janeiro, especialmente na região norte fluminense, onde a reforma agrária esteve muito associada à crise da economia açucareira, atividade produtiva historicamente predominante.

Segundo Geraldo (30 anos), militante do MST que coordenou a ocupação de Paz na Terra, aquele período caracterizou-se como de grande efervescência das ações do *movimento*

⁴ A categoria *jovem* tem sido alvo de diversos debates teóricos acerca de sua delimitação conceitual. As diferentes concepções acerca da categoria implicam, em grande medida, em distintos recortes e abordagens de pesquisa. A maneira como lidei com a categoria juventude foi apreendê-la a partir dos significados nativos do termo e das posições/ relações sociais que me informavam *quem* eram os jovens, conforme a perspectiva relacional, proposta por Bourdieu (1983) sobre o entendimento das separações dos poderes e posições entre “jovens” e “velhos”.

⁵ Após um mês de acampamento atrás do hospital de Guarus, que reuniu em torno de 236 famílias, foi realizada a primeira *ocupação* de terra na Fazenda Abadia, em Campos. Em poucos dias houve ordem de despejo e aproximadamente 150 famílias seguiram para a fazenda Almada Maruí, no município de Caixeta. Nesta área também foram incorporadas ao grupo novas famílias da região, mas a fazenda não podia comportar todos e, em agosto de 2003, noventa famílias ocuparam a fazenda Vermelha, no município de Cardoso Moreira. Desde então permaneceram na fazenda Vermelha, onde, em 2005 se formou o assentamento rural Paz na Terra, ainda em fase de instalação.

no Rio de Janeiro, cuja estratégia consistia em ampliar a sua base, criando novos acampamentos e assentamentos, mas também ampliar o conjunto de militantes no estado. Nesse sentido, Paz na Terra tinha sido um acampamento muito *organizado*, de onde foram projetados muitos militantes. Porém, enquanto os militantes que coordenaram o processo das ocupações eram todos *jovens* acampados e assentados na região, como Geraldo, os militantes que foram formados, a partir de Paz na Terra, já não tinham esse perfil tratando-se, em maioria, de pessoas *mais velhas* e que possuíam famílias.⁶ Na leitura de Geraldo, o fato de serem pessoas mais velhas que despontavam como lideranças implicava alguns limites, pois diante as dificuldades financeiras, estes tinham que se ausentar das tarefas militantes para atender as demandas imediatas de sua família. Nessa lógica a juventude seria aquela que, por ter menor “peso familiar” e “menos responsabilidades”, teria mais disponibilidade para assumir tarefas, participar de cursos de formação política do MST, dentre outras.

Embora os jovens estivessem em número expressivo no início do acampamento Paz na Terra, por este ser próximo ao centro da cidade Campos, os jovens não foram inseridos na estrutura organizativa do acampamento, os *setores* e *núcleos*, instâncias que estruturam o modelo de organização dos acampamentos do MST, que correspondem à própria estrutura organizativa do movimento ⁷ :

Como as famílias que mudaram, como ele era próximo ao centro, então a juventude, isso atraía a juventude e por isso havia um número muito grande de jovens. Mas nesse período não houve uma atenção nossa para organizar essa juventude. Na nossa lógica, na nossa ideologia, todos deveriam participar dessas instâncias, do núcleo, da coordenação e tal. E a juventude tinha sua participação quando esse espaço era aberto e ele assumia tarefas também. Não houve uma atenção maior para a organização da juventude.

Conforme a fala de Geraldo, não havia ainda em 2003 uma linha nacional do MST que orientasse a atuação com a juventude e, por isso, não houve uma preocupação especial em criar espaços e instâncias para os jovens em Paz na Terra⁸. Ao trabalhar a família como

⁶ Geraldo caracterizou como *jovens* os militantes da região norte fluminense que coordenaram o processo de ocupações de Paz na Terra, cujas idades encontravam-se, na época, entre 18 e 25 anos.

⁷ A estrutura organizacional do MST para os acampamentos consiste em tomar a família como unidade sobre a qual se organizam os *núcleos de base* (agrupamentos em torno de 10 famílias), a partir de critérios como o local de origem ou afinidade. A organização em núcleos implica em um ordenamento espacial das barracas de lona em fileiras. Os *núcleos de base* são instâncias de discussão, com dois coordenadores, um homem e uma mulher, que os representam na *coordenação geral*, a instância deliberativa do assentamento. Entre os indivíduos de um *núcleo* são distribuídas as tarefas, ou seja, a inserção dos membros em *setores*. Os setores correspondem a uma divisão funcional, a partir da lógica de divisão coletiva das tarefas. Os setores variam conforme a situação e local, em Paz na Terra eram: saúde, educação, limpeza, financeiro, produção, frente de massa, cultura. Cada setor também possui um coordenador que participa da coordenação geral do acampamento. Além dos coordenadores de núcleo e de setores, existe o coordenador político que se responsabiliza pela articulação com o MST, questões mais políticas do acampamento. Essa divisão de tarefas e organização dos setores faz parte da forma de organização do MST em diferentes níveis: local, regional, estadual e nacional.

⁸ Embora no ano de 2002 o MST tenha realizado o I Encontro de Jovens do Campo e da Cidade em diferentes estados do Brasil, o Coletivo de Juventude da Via Campesina foi criado apenas em 2006. No estado do Rio de

unidade, a distinção consistia apenas em determinar que as coordenações fossem compostas por um homem e uma mulher, política afirmativa que busca garantir a paridade da participação feminina nos processos decisórios. Contudo, outro elemento intrigante na fala de Geraldo é sua afirmação de que os jovens assumiam as tarefas quando *esse espaço era aberto*. O que significava ser aberto? Quais eram as restrições?

A tendência era que nos núcleos, por causa dessa cultura de latifúndio da região, cultura machista, cultura do coronelismo, muito machista, muito preconceituosa e muito conservadora, né. Então, era muito difícil, no núcleo, as famílias indicarem um jovem para fazer, para poder assumir a tarefa. Eles eram olhados como quem não tinha capacidade, não tinham potencial, não tinham responsabilidade para assumir as tarefas. E aí juntava ao processo de degradação que eles já vinham. E essa cultura conservadora que vem impregnada no nosso time...Então era difícil abrir espaço para a juventude assumir tarefas

Para ele, os principais limites à participação da juventude relacionavam-se a cultura conservadora da região de Campos e ao perfil “degradado” daquela juventude, que não transparecia confiança. O perfil *degradado* dos jovens, para Geraldo, era fruto da ausência de emprego e educação na região, das condições precárias de vida de muitos assentados, em sua maioria, oriundos de favelas e bairros periféricos a cidade de Campos. Essa constatação da falta de credibilidade na juventude, por parte dos mais velhos, aponta algumas questões que havia percebido logo nas primeiras idas a campo, reveladora das representações construídas acerca dos jovens.

Quando eu ainda pretendia iniciar o trabalho de campo, ao perguntar a Iasmim, militante do MST e meu “contato” no assentamento, qual seria o momento apropriado para tal, sua resposta foi que se eu ficasse esperando as coisas se acalmarem (devido a problemas internos no assentamento) nunca conseguiria fazer meu trabalho. Disse ainda que *os jovens vivem o mundinho deles e que não tem nada a ver com as confusões dos adultos*. Essa frase foi sintomática para mim, expressava uma percepção de que havia certa indiferença, por parte dos jovens, em relação às questões e discussões do assentamento.

Depois, nas primeiras idas a campo, percebi como os jovens eram relacionados a imagens bastante próximas as que Geraldo levantou, imagens que vinculam a juventude à idéia de transgressão, como problema social. *Os jovens* eram aqueles que faziam muitas coisas “erradas” como tomar banho na cisterna, ver as mulheres pela fresta dos barracos, usar drogas, roubar e influenciar os mais novos, tidos como os que não estudavam, nem trabalhavam, não participavam e não estavam inseridos nas instâncias organizativas. Essa negatividade que marcava a imagem da juventude, como os que não tinham capacidade,

Janeiro, o coletivo ainda esta se formando, Iasmim (24anos) jovem de Paz na Terra, coordenadora estadual do setor de cultura assumiu, em 2006, a *tarefa* de organizar esse coletivo de juventude nas regiões.

revelava a imagem estereotipada da juventude como uma fase transitória e problemática da vida, que deve ser controlada e vigiada, concepções bastante significativas das hierarquias presentes, nas quais os jovens são tratados como sujeitos incompletos ou mesmo “incapazes de se tornarem sujeitos” (Abramo, 1997).

Assim, a juventude aparecia para mim sob os olhares dos outros, por seu desinteresse e distanciamento em relação às questões coletivas, por ser um problema e uma preocupação. No entanto, essa desqualificação da juventude operou como uma chave de inteligibilidade da não participação e envolvimento dos jovens nas esferas organizativas e deliberativas do assentamento, sugerindo ser uma expressão das divisões de poderes entre gerações (Bourdieu, 1983).

A partir das histórias de vida dos jovens e da maneira como os mesmos ingressaram o assentamento percebi que em Paz na Terra os únicos jovens que participavam de reuniões, assumiram lugares de coordenadores dentro do assentamento e tornaram-se militantes do MST, eram justamente aqueles que ingressaram sozinhos no acampamento. Essa constatação sugeriu-me que as relações de hierarquia familiar e a autoridade paterna, se estendem as diferentes esferas da vida social e poderiam operar como limites a inserção dos jovens em espaços políticos do assentamento, conforme foi observado por Castro (2005).

A maioria dos jovens foi para o assentamento com seus pais, seja desde o início ou após o estabelecimento dos mesmos na fazenda Vermelha. Devido à série de deslocamentos vividos e às diferentes estratégias individuais e familiares, muitos deles não participaram de todo o processo de *luta pela terra*. Para estes, o desejo e a motivação para ir para Paz na Terra não partiu de si e muitos não queriam mudar-se e ter que se afastar dos amigos, da escola. Já para outros jovens, a opção em ir para o assentamento esteve relacionada às possibilidades de conciliação entre estudo, trabalho e moradia, que os fizeram optar residir junto a algum parente no assentamento. A maior parte desses jovens nunca esteve inserida em qualquer espaço de representação política formal no assentamento e seus pais eram os que freqüentavam as reuniões, responsáveis pela tomada de decisões. Contudo, isso não quer dizer que não houve, ao longo dos anos, convites e tentativas de inseri-los em setores e outras atividades. Porém, esses “convites” eram vistos, em muitos casos, como uma forma de pressão ou imposição, como um jovem me falou que “eles tem mania de indicar, *aí, você tem que ir!*”, e seu maior receio de participar ou aceitar alguma função era porque o “pessoal é difícil de lidar”, demonstrando grande o receio em relação às críticas.

Para Bernardo (25 anos) os jovens de Paz na Terra se sentem “presos pela comunidade” e pelas “regras que sufocam”. Segundo ele, os jovens possuem interesses e necessidades que não são compreendidas, por serem da cidade e estarem voltando para o

campo. Esta também é a trajetória de Bernardo. Nascido em um assentamento antigo na Baixada Fluminense, chamado Campo Alegre, morou grande parte de sua vida em Belford Roxo, com a mãe. Contudo, teve problemas com o tráfico e precisou sair de lá e, por isso, foi para a região norte fluminense, para uma localidade na entrada da cidade de Campos, onde morava uma irmã. Ele soube da ocupação a partir de um convite de um colega e decidiu ingressar. Desde então, atuou no setor de *frente de massa* no movimento, foi coordenador do setor de saúde dentro do acampamento, participou de cursos para militantes da região norte-fluminense e da segunda Marcha Nacional do MST. Bernardo é um dos poucos jovens que foi sozinho para o acampamento. Para Bernardo *entrar* no movimento o fez conquistar outra “consciência” e aprender a gostar de estudar. Diversas vezes teve que se manter mais afastado do movimento, pois voltou a estudar, teve uma filha e ainda faz alguns *bicos* na área de construção civil. Atualmente, assumiu a tarefa de coordenador político do assentamento.

Outra jovem que ingressou sozinha no acampamento atrás do Hospital foi Iasmim (24 anos) cuja motivação era conhecer o MST. Sua mãe era quem acompanhava as reuniões da *frente massa*, na associação de moradores do bairro onde moravam, reuniões cujo propósito era organizar e mobilizar pessoas para a ocupação. Iasmim ficou sabendo do dia em que ocupariam o terreno do hospital e foi escondido dos pais. Nem sua mãe, nem seu pai foram para a ocupação e este não gostou dela ter ido. Iasmim tinha 18 anos e foi a primeira vez que saiu de casa. Rapidamente tornou-se militante do MST. Fez o curso de formação de militantes, chamado *Escola Nacional*, e depois participou de diversos outros cursos. Tornou-se coordenadora de seu núcleo no assentamento e, em 2006, coordenadora estadual do setor de cultura do MST, com a responsabilidade de organizar um coletivo de juventude no estado do Rio de Janeiro.

O caso de Iasmim é um exemplo de como se formam militantes ao longo do processo de formação de um assentamento. Tornar-se um militante envolve a apreensão de um gama de saberes e formas de condutas, desde a sua integração ao acampamento e a inserção nos espaços e instâncias decisórias, à consolidação como referência e liderança dentro da área de assentamento, inserção em coordenações de setores regionais e estaduais do MST, bem como a participação em cursos de formação política, mencionados por eles como espaços que marcaram a sua entrada no *movimento*. Entretanto, a afirmativa de que a militância, como uma alternativa de vida para os jovens, entra em conflito com a sua condição de origem, implicando no afastamento do assentamento, devido à entrega total ao MST (Paiva, op.cit) deve ser relativizada, afirmações que operam com uma imagem do militante ideal, como aquele cuja vida é dominada integralmente pela organização. E, embora ser militante tenha um peso e um status diferenciado no assentamento, um capital cultural e político adquirido e

reconhecido pela coletividade que representa (Bourdieu, 2006), não implica necessariamente em rupturas com a sua vida anterior, com a família, amigos, sobretudo para esses jovens que desejam ser assentados e que tem respondido sozinhos pelo futuro lote. Os jovens militantes de Paz na Terra, na verdade, promovem um diálogo entre diferentes esferas de ação, saberes, relações pessoais, que influenciam a sua própria pratica militante, marcada também por momentos de afastamento, de outras atividades.

O próprio processo de se tornar militante não deixa de ser conflituoso e envolver frustrações por parte dos jovens. Bruno (28anos) conta como “já trabalhou muito pelo movimento”. Foi para o acampamento atrás do hospital de Guarus apenas para ajudar um tio que estava acampado, na véspera da primeira ocupação, na Fazenda Abadia. Conta que aceitou ajudar o tio nos “sem terra” porque gostava muito de uma “farra”, mas desde então tem seguido o acampamento, embora o tio tenha desistido. Bruno é pedreiro, filho de pedreiro, e diz que seu sonho sempre foi ter um “pedaço de terra”. Chegou a fazer um curso de militantes do MST, no Pontal do Paranapanema, e voltou do curso muito animado para atuar em Paz na Terra. Foi coordenador geral do assentamento, mas desistiu de ser militante, frente à dificuldade de lidar com as pessoas:

Mas o povo é meio esquisito, por que quanto mais eu fazia bem mais eles me criticavam, jogavam pedra....então quanto mais eu corria atrás, fazendo ação para eles e aqui para nós, eles já falavam: “Não, mas ele está fazendo isso á toa?” aí saía o comentário: “Ah, ele está levando algum por fora, não sei o quê, não sei o que lá...” - cara, isso me chateava muito e eu fazia de coração... só que me machucava...

No caso de Bruno, ser jovem, solteiro e independente, embora o colocasse em outra posição social dentro do assentamento, não deixava de estar submetido às críticas, à desconfiança e ao questionamento acerca da sua eficiência como liderança. O fato de apenas esses jovens solteiros, que estão requerendo um lote para si, terem se inserido nas esferas políticas do assentamento, parece estar associado a sua condição mais “livre” da autoridade paterna e do controle das relações familiares. No caso de Iasmim, na sua condição de jovem, mulher e solteira, é possível dizer que mais se trata de uma exceção do que de uma regra. Iasmim era a única mulher do assentamento que fazia parte da direção estadual do MST e, por isso, era bastante requisitada (e respeitada) para participar das reuniões e discutir problemas internos ao assentamento. Nesse sentido, pode-se dizer que sua condição de dirigente colocava-a em uma posição que superava a sobreposição de hierarquias em que se situa como jovem e como mulher.

Contudo, a partir da constatação de limites à participação dos jovens, saindo da esfera mais “formal” da política e do engajamento militante em Paz na Terra, vou abordar outras

esferas e questões que se mostraram muito relevantes para compreendermos como a dimensão política da reforma agrária é re-elaborada e vivida cotidianamente pelos jovens.

Ser *sem terra*

Ao longo do trabalho de campo, percebi como a categoria política *sem terra* era amplamente utilizada, sugerindo as diversas maneiras como as identidades políticas são incorporadas e lidas no cotidiano. Construída politicamente sob a bandeira reivindicatória da reforma agrária, a categoria *sem terra* abriga uma diversidade de sujeitos, com distintas origens e trajetórias de vida. Ser *sem terra* não significa necessariamente ser um militante do MST, mas opera como categoria de classificação do mundo social revelando-se repleta de significados, a partir das diferentes posições e visões, como também foi observado por outros autores, como Loera (2006) ⁹. Em Paz na Terra, a categoria *sem terra* opera em distintos níveis: pode ser associada a um estado ou a uma identidade individual; a coletividade abstrata e ao lugar do acampamento. *Sem terra* está associado a *ser* e *estar* acampado, como aquele que reivindica a terra, consiste em uma identidade de situação e de condição, que ora se misturam, sem limites claros. Ainda, *sem terra* pode ser sinônimo de *acampamento*, como lugar físico, mas atrelado as imagens e simbolismo dos acampamentos do MST. Ainda, pode representar o próprio movimento de ocupações de terra, o movimento de uma coletividade mais abstrata, *os sem terra*.

A categoria opera como marca de alteridade entre *os de dentro* e *os de fora* e também para diferenciar internamente os assentados. Para os *moradores*¹⁰ antigos da fazenda Vermelha, os “sem terra” são os outros, aqueles que “invadiram”, os que moram ao lado, no *acampamento*. Uma vez, um jovem morador da fazenda comentou que quando lhe perguntam onde ele morava, dizia que morava nas “casinhas” e não nos “sem terra”. Ainda, ele contava que antes do “sem terra” chegar tudo era organizado e limpo, o que eu já havia escutado de outros moradores antigos. A diferenciação entre ele e *os sem terra*, além de expressar a diferenciação interna entre grupos de assentados, reproduzia a imagem que o *sem terra* possui

⁹ Loera (2006) elaborou uma reflexão detalhada acerca dos múltiplos significados da categoria nativa *sem terra*, no contexto de reforma agrária e luta pela terra no estado de São Paulo, revelando que a categoria varia conforme a condição, a situação e quem a utiliza.

¹⁰ *Morador* é uma categoria também utilizada em Paz na Terra. Como antiga categoria nativa do universo da produção da cana de açúcar, faz referência ao sistema de *morada*, sistema de relações que vinculam o proprietário diretamente a força de trabalho. A condição de *morador* estabelecia um tipo de contrato no qual ele e sua família estavam à disposição do proprietário. Para uma análise das categorias nativas no universo da produção de cana de açúcar canavieira ver: Sigaud, Lygia. Os clandestinos e os direitos: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

fora da área do assentamento, bastante vinculada ao MST, mas principalmente às ocupações ou as “invasões” de terra, à violência e a “bagunça”.

Contudo, quando situados em outros contextos, como a escola, ser *sem terra* pode ser motivo de vergonha e de situações embaraçosas para os jovens. Embora seja um importante espaço de sociabilidade juvenil, a escola pode ser um espaço de tensão e a identificação com *sem terra*, um motivo de humilhação, como foi relatado por uma jovem que interrompeu os estudos devido à discriminação vivenciada no colégio. Acusaram-na de ter roubado um material de uma colega por ela “ser sem terra, porque só tem ladrão”. Ela queixou-se com a diretora da escola, mas nada foi feito, por isso decidiu sair.

A construção da identidade *sem terra*, dentro e fora dos assentamentos, não está dissociada também das próprias representações acerca do meio rural em relação ao urbano, como lugar rústico, de atraso, ignorância e isolamento (Castro, 2005). Apesar das diferenças regionais, outros trabalhos têm chamado atenção para essa difícil relação dos jovens com a identidade de ser acampado ou assentado, pois além desses estigmas aos quais as pessoas que vivem no campo estão submetidas, recaem sobre eles as representações sociais acerca do MST e das ocupações de terra, que criminalizam e discriminam os que delas fizeram ou fazem parte. Assim, a maneira como os jovens de Paz na Terra têm lidado com a identidade *sem terra* e com a condição de serem assentados, expressa uma tensão entre a imagem dominante sobre o rural e sobre o movimento de ocupações de terra e sua auto-imagem, conflitiva com a vivência cotidiana dos mesmos seja *com os sem terra* ou *como um sem terra*.

Ao ser apropriada no cotidiano, como categoria que permite múltiplas associações ao processo de reforma agrária, a categoria *sem terra* revela o diálogo promovido entre o que é dito fora do assentamento, os significados políticos vinculados pela organização MST e a percepção que os próprios assentados têm do processo. Os diferentes significados das categorias *sem terra* e da própria categoria *juventude*, vistos em situação e relativos a distintos contextos e pessoas, revelam também diferentes esferas de poder, sobre as quais essas categorias operam como marca de alteridade, lugares e status.

As “viagens”: evento e sociabilidade

Vimos como ao longo do processo de formação do assentamento Paz na Terra poucos foram os jovens que inseriram-se nas esferas e instâncias formais de atuação política, revelando os limites de sua participação e as imagens construídas acerca dos jovens. Contudo, fui surpreendida ao perceber que, para além da inserção “orgânica” no MST, havia outro campo de participação dos jovens de Paz na Terra em eventos promovidos pelo

movimento, como atos públicos, marchas e encontros. Segundo Geraldo, essas “atividades” de cunho “massivo” e de “ação mais direta contra o capital” seriam as que mais atraem a juventude. Já havia escutado isso de outros militantes, o que conformava certa imagem acerca da juventude associada à força, a rebeldia, espontaneidade.

Em Paz na Terra, o interesse por parte dos assentados em participar de eventos do MST, dentre ocupações e despejos, e outras atividades como atos públicos, consistem em uma maneira de obter informações com dirigentes e com o próprio INCRA sobre o andamento do processo de instalação do assentamento. Ainda, a participação nessas atividades se inscreve em um conjunto de compromissos e obrigações dos assentados perante o MST e perante a “luta”, como já salientou Loera (2006). Contudo, se no contexto etnográfico abordado por esta autora, aqueles que cumpriam esses compromissos eram principalmente os filhos dos assentados, em Paz na Terra os jovens não estabelecem necessariamente essa relação de compromissos com a luta pela terra ou com o MST. Conforme pude perceber nas conversas com rapazes, onde a referencia a despejos, ocupações, ações da polícia apareceram com mais frequência, o que os motiva a participar desses eventos é menos por seu caráter de *enfrentamento contra o capital*, e mais pela dimensão da aventura, ou mesmo da “farra”.

Embora eu já tivesse encontrado jovens de Paz na Terra em duas atividades do MST no Rio de Janeiro, o interesse dos mesmos por essas atividades me chamou atenção. Nos dias que antecederam a ida para o encontro dos *Sem Terrinha*, encontro comemorativo do dia das crianças, pude perceber uma grande ansiedade. Todos comentavam comigo sobre o assunto, se haveria ônibus ou não, perguntavam se eu estaria lá e alguns, mesmo sem ter a confirmação do transporte, já começavam a se preparar para viajar. As expectativas e comentários giravam em torno de reencontrar colegas de outros acampamentos e assentamentos, conhecer pessoas e lugares novos.

Pude acompanhar todo o evento, bem como esses dias que o antecederam e a recepção dos jovens e das crianças na chegada ao Rio de Janeiro. Esse foi o X Encontro dos *Sem Terrinha*, evento que é realizado todos os anos, próximo ao dia das crianças. Este último encontro aconteceu entre os dias 11 e 13 de outubro, no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro e reuniu em torno de 150 crianças de vários acampamentos e assentamentos rurais do MST. Conforme grande parte das atividades do MST, o encontro compreendeu diversos elementos da forma de ação política do movimento, como ato público, momento de formação, momentos festivos e lúdicos. As atividades consistiram: no primeiro dia um ato público no centro da cidade, em frente ao MEC, para reivindicar a educação no campo, temática desse encontro; no segundo dia houve um momento de debate acerca do tema *A escola que queremos* pela manhã, à tarde diversas oficinas de caráter lúdico como dança, fotografia,

construção de instrumentos. No último dia houve a visita ao Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista e, após essa visita, o encerramento do evento, com a fala da diretora do Instituto de Educação, músicas sobre a educação no campo e o hino do MST. Ao longo dos três dias, o evento funcionou de acordo com o modelo e a estrutura organizacional do MST. As crianças chegaram em 3 ônibus das regiões Sul, Norte e Baixada, que compreenderam as três *brigadas* no encontro, onde eram feitas as reuniões, apresentada a programação do evento, as atividades do dia, divisão de tarefas e organização das oficinas.

A chegada do ônibus da região Norte trouxe uma surpresa: a inesperada presença de muitos jovens, a maioria do assentamento Paz na Terra. A coordenação político pedagógica do encontro ficou surpresa por tantos jovens terem ido para um evento que era voltado e orientado para as crianças, e isso nunca havia acontecido antes. Na interpretação de alguns militantes da coordenação, talvez essa presença expressiva de jovens fosse um sintoma da ausência de espaços de formação e de encontros propriamente para eles.

Contudo, a participação dos jovens no encontro provocou tensões e aborrecimentos entre eles e aqueles que estavam coordenando o evento. Houve queixas em relação a seu comportamento porque faziam muita bagunça, falavam alto, não ficavam nas filas, não respeitavam os acordos coletivos e os horários, queixas especialmente relacionadas aos jovens de Paz na Terra. Também por parte deles houve críticas e demandas. Os jovens queixaram-se comigo de que as pessoas eram *chatas*, de ter que fazer as tarefas e reivindicaram jogos e outras atividades, além das que haviam sido propostas. Ao conviver com eles durante aqueles dias de encontro, em um contexto diferenciado, pude perceber a dificuldade de muitos daqueles jovens em seguir a *disciplina* da metodologia do MST e, ainda, a dificuldade dos que coordenavam o evento em lidar com eles, sobretudo em um evento que não estava preparado para recebê-los.

Fiquei grande parte do evento próxima dos jovens de Paz na Terra e constatei a sua divisão em dois grupos: um apenas de meninos e outro grupo misto, com meninos e meninas.¹¹ O grupo apenas de meninos de Paz na Terra foi o que menos interagiu com o evento. Durante o ato em frente ao MEC, esse grupo de rapazes ficou destacado observando, rindo, enquanto os outros jovens e crianças do assentamento Paz na Terra cantavam as músicas, os gritos de ordem do MST, enrolavam-se nas bandeiras, junto com os outros. Entretanto, todos permaneceram os três dias de evento dentro do Instituto de Educação e participavam das atividades propostas.

¹¹ A faixa etária do encontro consistia em crianças dos 6 aos 14 anos. De Paz na Terra foram para o encontro 15 jovens entre 15 a 20 anos de idade, sendo destes apenas três moças.

O momento do debate “A Escola que queremos”, ao reunir todos os jovens que estavam presentes nesse encontro, ou seja, os maiores de 14 anos (conforme o limite estipulado pelo evento), consistiu no único espaço específico para os jovens, onde a condição e a identidade de ser jovem *sem terra* foi enfatizada. Nesse momento, iniciado com uma rodada de apresentações, houve uma socialização dos problemas em relação à educação, em cada assentamento ou acampamento ali representado, e depois o levantamento das ações e propostas para a educação no campo, propostas para solucionar os problemas levantados. Frente aos jovens de outros assentamentos e acampamentos do estado, os jovens de Paz na Terra constituíram uma unidade de grupo, representada nos desenhos e nos painéis produzidos pelos mesmos nessa atividade. Ao mesmo tempo, ao confrontarem-se com os problemas e os dramas vivenciados por outros jovens “sem terra”, lhes permitia a identificação de situação entre os jovens, como os relatos apresentados por muitos, acerca da situação de discriminação vivenciada nas escolas por serem “sem terra”. Assim, a identidade *sem terra* aparecia ao mesmo tempo configurada no reconhecimento da discriminação, por meio da relação de alteridade, e exaltada e valorizada por toda a dimensão simbólica no evento.

Ao retornar a Paz na Terra, com as fotos do encontro reveladas e curiosa em ouvir os comentários acerca do mesmo, pude compreender melhor como esses eventos faziam parte da sociabilidade dos jovens. Embora eu tivesse ouvido muitos comentários e reclamações ao longo do encontro, todos gostaram, e muitos afirmaram ter sido a melhor *viagem* que já fizeram, comparada às outras *viagens* anteriores. A única crítica que ouvi foi em relação à expectativa (frustrada) em conhecer a cidade do Rio de Janeiro, porque não era permitida a saída da escola, sobretudo à noite.

Para alguns jovens aquela já era a quarta *viagem* para o Rio de Janeiro. E foi a expressão “viagem”, para se referir ao encontro, que despertou minha atenção para os distintos significados dessas atividades para eles. Dei-me conta que “viagem” não se referia apenas a esse encontro específico, mas estendia-se a muitos outros eventos, principalmente no Rio de Janeiro. Embora falar sobre o Rio de Janeiro fosse um tema comum das conversas que os jovens estabeleciam comigo, após esse Encontro dos *Sem Terrinha*, os comentários e especulações acerca de quando seriam as próximas *viagens* tornaram-se recorrentes. As conversas me permitiram perceber que as *viagens*, para além da possibilidade de conhecer o Rio de Janeiro, propiciavam o encontro com jovens de outras áreas de assentamento rural, promoviam, muitas vezes, laços de amizade ou até namoro entre eles. Um dos meninos que foi para o Encontro dos *Sem Terrinha* me contou que havia *ficado* pela segunda vez com uma garota do acampamento vizinho ao Paz na Terra, e que eles já se conheciam e tinham *ficado*

anteriormente, na viagem do 8 de Março ¹². A própria organização em brigadas durante o encontro, que segue a organização territorial já existente dos acampamentos e assentamentos nas regiões do estado, possibilita a convivência entre aqueles que vivem em áreas próximas e não inviabiliza a continuidade dessas relações. Esse mesmo rapaz, assim como outros, já havia feito algumas incursões de bicicleta ou moto para esse acampamento vizinho, que dista em torno de 10 km de Paz na Terra.

Dessa forma, me dei conta que o substantivo *viagem* representa mais do que o deslocamento físico para outra cidade, mas sim toda uma dimensão da sociabilidade inerente a esses eventos. Nesse sentido, busco chamar atenção para como nesses eventos políticos, organizados pelo MST, que enfatizam e simbolizam suas bandeiras e linhas políticas, são vivenciados pelos jovens de formas diferenciada, integrado à outras esferas, sobretudo a dimensão lúdica e festiva. Antes de tratar-se de uma constatação que “despolitiza” o evento ou desqualifica a participação da juventude, caminha no sentido, analisado por Comerford (1999), de compreender que eventos políticos, sejam reuniões de trabalhadores rurais, encontros de crianças *sem terra* ou ocupações de fazendas improdutivas, possuem significados que ultrapassam o plano formal das instituições e organizações dos trabalhadores. O que encontramos, de fato, é uma dinâmica que integra múltiplos elementos, que revela a importância que os espaços políticos possuem na vida daqueles jovens, como espaços de sociabilidade, muitas vezes até mesmo lúdicos, mas nem por isso perdem a sua eficácia, ao envolver e contribuir na construção e consolidação de identidade política *sem terra* e da própria organização MST.

A partir do contexto de formação do assentamento rural Paz na Terra, tentei mostrar como se dá a participação política dos jovens e como são construídas as identidades políticas, especialmente a identidade *sem terra*. A partir da constatação de que os únicos jovens que conseguiram se inserir nas esferas organizativas, legitimados como dirigentes e lideranças, foram os que ingressaram sozinhos no acampamento, foi possível perceber como as hierarquias familiares e entre jovens e adultos são também marcas nesse contexto, onde ser jovem esta relacionado ao mesmo tempo a problemas e à falta de responsabilidades e, portanto, onde os espaços de decisão são fechados para eles. Busquei desconstruir a expectativa de uma juventude *sem terra* necessariamente politizada, organizada e engajada nas questões da coletividade e, ao apresentar brevemente a trajetória dos jovens que se

¹² A *viagem do 8 de Março* correspondeu a diversas mobilizações e atos realizadas em comemoração ao dia das mulheres, no Rio de Janeiro, em 2007. Nesse ano, foi realizada uma ocupação no BNDES, ocupação no INCRA e ato unificado com outros movimentos sociais no centro da capital.

tornaram militantes, tentei relativizar esses estereótipos, embora seja uma questão que mereça uma análise mais profunda.

Por outro lado, ao trabalhar com as múltiplas dimensões da categoria *jovem*, bem como a categoria *sem terra*, percebendo a maneira como elas estão postas naquele contexto de reforma agrária e em outras situações, foi possível relativizar as percepções e significados acerca da participação dos jovens, tanto dentro como fora do assentamento. Dessa forma, possibilitou ampliar o campo da dimensão política e dos sentidos que a participação, eventos e as identidades possuem para aqueles sujeitos.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena W. “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In: *Revista Brasileira de Educação*. n.5 e 6, 1997.

ANDRADE, Márcia Regina de O. *A formação da consciência política dos jovens no contexto dos assentamentos rurais do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra*. (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. 1998

BOURDIEU, Pierre. “Juventude é apenas uma palavra”. In *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

_____. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRAGA, Libânia Maria. *Assentamento Hipólito: realidade e perspectivas dos jovens assentados*. Dissertação; (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2006.

CASTRO, Elisa Guaraná. *Entre ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional.UFRJ.2005.

CHAVES, Christine. “A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político.” In: Peirano, Mariza (org). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

COMMERFOD, John C. *Fazendo a luta. Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará /Nuap. 1999.

LOERA, Nashieli. *A espiral das ocupações de terra*. São Paulo: Polis; Campinas, SP: CERES, centro de estudos rurais do IFCH - UNICAMP. 2006.

PAIVA, Irene Alves de. *Novos espaços de formação e escolarização de jovens assentados*. ANPOCS, 2006. <http://www.encontroanpocs.org.br/>